

reina

(Atriz)

V.T. MENOR - Abandonado - RJ-76

1904-07-11

JOBO COPACABANA

Segunda-feira, 2/ 6/ 86

# Marina achou uma saída: adotar e criar com amor

Se dependesse da atriz Marina Miranda, não existiria um único menor perambulando pelas ruas. Com um coração "do tamanho do mundo", como ela mesma costuma dizer, Marina já perdeu a conta de quantas pessoas tirou da rua e quantas ajudou e continua ajudando a crescer: aos 56 anos, mantém em seu apartamento na Rua Dias da Rocha, em Copacabana, quatro filhos adotivos e um antigo amigo da televisão, Rui Cavalcanti.

Fátima, já casada e com 32 anos (agora se mudou da casa da mãe), Gláucia, de 12 anos, e Silvia, de 10, Marina adotou de papel passado. Mas Rose, de 17 anos, e Lilian, de 6, ela apenas ajuda a criar.

Rose chegou há nove meses de Belo Horizonte com o sobrinho de ser manequim e, por não se adaptar à vida na casa de uma senhora idosa no Jardim Botânico, veio parar na casa de Marina.

Já Lilian, ela conheceu através de um programa de rádio onde a mãe da menina apelava a quem pudesse ajudá-la na criação, logo depois do assassinato do marido.

Marina lembra que a sua vocação de mãe vem de longa data. Criada num colégio de órfãos, ela sempre ajudou a cuidar das colegas. Mais tarde, já livre do regime de internato, continuou a frequentar o colégio somente para tratar das crianças, hábito que preservou até mesmo no meio artístico.

Após o início de sua carreira na Rádio Nacional, como cantora lírica, Marina Miranda foi



Marina adotou quatro meninas e já perdeu a conta de quantos mais ajudou

— Quando soube disso — recorda ela — fiquei furiosa. Os vizinhos me acusaram de cobrar pela guarda das crianças. Mas o que acontecia, na verdade, era o contrário. Eu gastava todo o dinheiro que tinha e mais o que não tinha com elas.

Atualmente, Marina recebe a ajuda financeira de diversos amigos, entre eles os humoristas Dedé, Mussum e Zacarias, além da cantora Alcione, para sustentar as crianças. Ela já foi auxiliada também por Roberto Carlos, Regina Duarte e Elba Ramalho. O único que mantém uma ajuda constante, no entanto, é Chico Anysio, que chegou a abrir uma conta bancária no nome de Marina e deposita por mês, religiosamente, uma quantia para a amiga.

Apesar de viver com uma certa dificuldade, Marina Miranda confessa estar muito feliz, numa época de "grandes esperanças". O pior já passou. Há seis anos, desempregada, sem oportunidade de trabalho e sem dinheiro para dar de comer a seus filhos, ela se desesperou e chegou a tentar o suicídio:

— Fui para a Rua Barata Ribeiro para me jogar de baixo do primeiro carro que apuresse. Mas aí apareceu uma mulher que, percebendo o meu estado, me puxou pelo braço, conversou muito comigo e me passou uma outra visão da vida. Antes, eu olhava de um lado para o outro e não via nada. Hoje, tenho certeza de que o amor é tudo na vida, descobri que com carinho a gente consegue vencer as maiores barreiras.

adotar crianças, da mesma forma que fizera sua mãe:

— Minha mãe criou um inglês, um alemão, vários tipos de pessoas. E com uma coragem que me inspirou: sem muito dinheiro e sem um marido ao lado para ajudar a segurar as barras.

Marina nunca teve problemas com processos de adoção — que ela reconhece serem complicadíssimos —, porque todas as vezes que deu seu nome às crianças, foi de forma espontânea, com o consentimento das mães de sangue. Seus problemas foram com os vizinhos: numa época, com dez crianças em casa, foi acusada de manter uma "creche clandestina" e acabou tendo que entregá-las ao Juizado de Menores.

para o teatro e, a seguir, para a TV-Rio. É dos estúdios da emissora que ela guarda algumas de suas melhores lembranças:

— O Antônio Carlos, conhecido pelos colegas como Tuneca, deixava comigo a filha dele, a Glória Pires, enquanto gravava suas cenas. Eu tomei conta também da Luluzinha, a filha do Lúcio Mauro, que inclusive deu seus primeiros passos amparada nas minhas mãos — conta Marina.

O esperado ciúme dos pais verdadeiros de todas as crianças de quem Marina cuidava foi o principal motivo para que ela se decidisse a ter seus próprios filhos. Impedida, por problemas físicos, de engravidar, ela resolveu então

*Pelos Palcos*

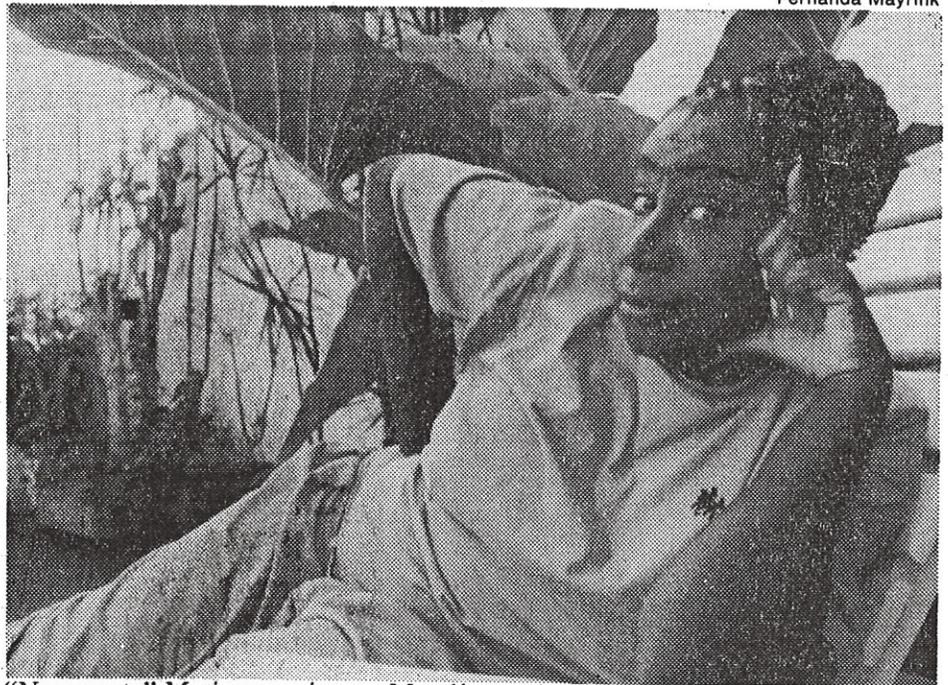
**PERFIL/MARINA MIRANDA**

## Musa 'nojenta' já foi cantora lírica

Fernanda Mayrink

**E**la bem que tentou ser cantora lírica, mas, durante o ensaio de uma ópera na Escola Nacional de Música, fez uma careta tão feia que acabou despertando a atenção do diretor geral da antiga TV Rio. A partir de então, Marina Miranda se transformou em atriz comediante e participou de inúmeros programas humorísticos. Nas novelas da TV Globo, onde trabalha há 22 anos, nunca teve personagem principal. Muito menos, salário polpudo. Mas o destino lhe reservou uma surpresa: o responsável pela campanha publicitária dos supermercados Disco é seu fã desde pequenininho e há seis meses transformou Marina na musa satírica de seus comerciais de TV, ao lado de Tião Macalé. A dupla *nojenta* saiu da miséria e está fazendo o maior sucesso.

"Na Globo, continuo ganhando o salário minguado de NCz\$ 220. Mas só parei de passar fome com esses benditos comerciais do Disco", conta Marina, aliviada. O problema é que não dá para levar Marina a sério, nem mesmo quando conta suas histórias tristes. Quanto mais cara feia ela faz, mais engraçada fica. Quem é que já não deu boas gargalhadas ao vê-la caracterizada de Xuxa, dizendo "Beijim, Beijim, tcham, tcham", nos intervalos da novela das 8? Durante o *Fantástico*, então, ela arrasa, fazendo uma imitação quase perfeita da modelo Isadora Ribeiro, bailarina que aparece na abertura e no final do programa global de domingo.



"Nem morta" Marina casaria com Macalé, o maior amigo: "Ele é muito nojento"

não posso dizer, mas é uma moça de olhos azuis, e até encomendaram lentes de contato especiais para eu ficar igualzinha", anuncia, fazendo questão de omitir quanto está faturando na campanha publicitária "para não despertar olho grande". A musa satírica do Disco contou que já foi muito discriminada por causa de sua cor. "Uma vez, numa gravação, fui substituída por uma moça branca, que tinha o rosto todo pintado de preto. Negro sofre na TV Globo".

O curioso é que, apesar da discriminação por detrás dos bastidores, nos programas humorísticos, Marina sempre ganhou papéis onde sobressaía como madame. Foi o caso da personagem Cre-

Mas isso só na TV, porque na vida real, Tião é considerado por Marina Miranda seu melhor amigo. "Muita gente pensa que a gente é casada. Cruz Credo. Nem morta. Ele é muito nojento", brinca.

Criada em Copacabana, na casa de uma família de classe média alta, que a adotou quando tinha apenas dois anos, Marina é orfã de pai e mãe e tem sete irmãos mais velhos. Esse talvez seja o motivo que a levou a adotar sete crianças (a mais velha está agora com 38 anos, e a mais nova, com 9). Para sustentá-las, Marina teve que trabalhar muito. Fazer muitas caretas. Coincidentemente, nas horas mais difíceis ela ficava mais feia e ganhava mais fama como comediante. Agora, pelo menos está de

# O casal 'nojento'

Foto de Miriam Fichtner

MILTON ABIRACHED

Você está sendo chamado de nojento todo dia na televisão e morre de rir, percebeu? A culpa é de Tião Macalé, que, ao lado de Marina Miranda, abre aquela boca sem dentes para anunciar lingüiças, macarrão ou frangos em oferta nos comerciais dos supermercados Disco. Depois, manda aquele "nojento" no telespectador. Às vezes, termina só com um "tchá!" ou um "tchá, tchá!", e fica por aí. Tem gente que chega para Tião e pergunta "o que é esse nojento aí?", e ele:

— Nãããã, nojento é tudo, uma beleza, até um carinho.

Uma beleza mesmo. "Nojento" tomou, de repente, outro significado, graças a uma simples entonação. Era uma palavra pesada, mas ainda houve quem não entendesse a obra de "engenharia semântica" e ligasse para o supermercado reclamando. Uma minoria insensível. Marcos Abrahão, 27 anos, fã desde criança da dupla, foi quem bolou a peça publicitária, junto com Murilo Richulino, Fátima Simonetti e E. Pablo Planas, todos da agência Pass Publicitários Associados Ltda. Marcos achou que "o mercado estava muito apático" e decidiu "sacudi-lo com um deboche inspirado na 'TV Pirata'". O "casal nojento" acaba fazendo sátiras impagáveis da Xuxa, dos concorrentes "casal Sendas" e super-heróis (do CB), do exótico candidato Nelson Merru e seu espanador, He-Man, "Porta da esperança" do "Programa Sílvio Santos" e mais um monte de porcarias que viram humor eschachado.

— Pensamos em usá-los como anti-heróis. E vamos mexer com muito mais gente ainda — diz Abrahão, que está escrevendo roteiro para um show teatral de variedades com a dupla, já com músicas especialmente escritas por Martinho da Vila e Jorge Ben.

É um sucesso. O contrato com o supermercado se ampliou e pretendem gravar um disco. A dupla sai na rua e todo mundo os chama de nojentos ou faz "tchá-tchá". De pulseirinha e anéis, Tião devolve a ofensa com um "ihhh!". As pessoas têm acessos de riso.

Marina tem 58 anos, Tião, 62, e não são casados — embora ouçam perguntas a respeito em décadas de união profissional ("Ele é meu grande amigo, é melhor deixar assim sem casar", diz ela). São solteiros e moram em Copacabana. Ela, com seis dos sete filhos que adotou (a mais velha, de 32 anos, está casada). Ele diz que vive "com um pessoal aí". Marina nasceu em Paraíba do Sul (RJ) e começou a carreira como cantora lírica na Rádio Nacional, Rádio Mayrink Veiga etc. Cansou-se de tirar o primeiro lugar no programa "Papel carbono", de Renato Murce, apresentando coisas como "La Bohème" de Puccini. Nada mal para quem aprendera apenas de ouvido colado nos discos da prima donna Renata Tebaldi. Cantava em um italiano macarrônico, que depois aprimorou.

Ela fazia muitas caretas, por isso, acabou no humor. Lá para 1965, estreava na peça "Por que ufano do bananal", ao lado de Aracy Cortes, João Roberto Kelly, Jararaca & Ratinho e outros. Não parou mais, até ir para a televisão, no humorístico "Noites cariocas", da TV Rio, onde fazia Brigitte, uma perua rica e burra, que, cercada de empregadas brancas, vivia dizendo besteiras e ouvindo do marido (Jorge Loredó): "Vamos tirar Camões do ostracismo!". Anos depois, estava na Rede Globo, onde, no "Balança mas não cai", fez a "crioula difícil" de Tião Macalé. Começava a parceria



Tião Macalé e Marina Miranda: 'nojento' como carinho

Aos 11 anos, era crooner do conjunto Jazzy Johnny e cantava em inglês de orelhada. Aprontava arruaças em clubes e chegou a fazer dupla com Marlene ("Até usei a calça dela"). Aos 16 anos, veio para o Rio e nunca mais voltou à Bahia. Desceu de barco pelo São Francisco ("Vim cantando pelo rio, conquistei todo mundo"). Estreou nos palcos cariocas em 1954, em "A garçonnière do meu marido", de Silveira Sampaio, e foi chamado de "pequeno Otelo baiano" — enquanto que Marina era "Grande Otelo de saias".

Esses tempos passaram. Marina apareceu em novelas da Globo, como "Vereda tropical", "A gata comeu", "Dona Xepa", entre outras, além de três filmes de Carlos Manga de que não se lembra o nome. Tião não fez novelas porque, diz, "só aceitaria papel de galã" e ninguém percebeu seu potencial para o modelo. Afinal, falta de dentes é só um detalhe. Que, há anos, ele ostenta, rejeitando aparelhos ou dentaduras ("Se botar dente, não arranjo emprego", diz). Conta que, filmando "O Anjo", o próximo longa de Ivan Cardoso, uma lourinha gamou naquela boca vazia.

— Era uma alemazinha "tchá", me comia com os olhos e eu fazia gracinhas para ela. "Quebrou" o crioulo todo! O lourinha fácil! — exclama.

Durante a campanha eleitoral, Tião apareceu em uma chamada do PCdoB na TV ("Fiz de graça, mas não sou ligado a partido. Sou profissional"). Em todos os seus 25 filmes, despejou aqueles cacos que faziam as equipes desabar de tanto rir. Em "As sete vampiras", de Ivan Cardoso, xingou a planta carnívora e as vampiras todas por conta própria, com palavras de baixíssimo calão. Ivan adorou e ele fez o mesmo com o Anjo (Hérson Capri, no filme), que Tião chama de "nojento", naquele sentido carinhoso.

Outros "nojentos" do gênero, para ele, são a própria Marina, Ivan Cardoso, Paulo Gracindo, Agildo Ribeiro, Ruth de Souza, Yoná Magalhães, Lúcio Mauro ("Noientíssimo" dizem os dois juntos). Marcos Abrahão



## Marina vai fazer filantropia

A comediante de teatro e televisão, Marina Miranda, muda de religião. Durante 17 anos, ela foi umbandista. Mas o seu encontro com Deus foi proporcionado pela Cruzada Profética Mundial.

Afirmou que em breve poderá largar a carreira de atriz, caso consiga realizar um sonho antigo, uma casa para crianças carentes.

Com 50 anos, mas com tudo em cima, Marina está vivendo a melhor fase de sua vida. Segundo ela, a religião abriu novos caminhos.

A sua animação, é maior ainda quando fala da peça sobre a vida de Cristo, que a sua igreja vai promover em breve no Maracanãzinho. A arrecadação vai ser dividida entre a Cruzada Profética Mundial, a Casa do Irmão Lúcio - que trabalha para a recuperação de jovens viciados em tóxicos - e, finalmente, o Retiro dos Artistas.

Com o dinheiro da arrecadação da peça, a Cruzada Profética, sob orientação do pastor Ely, irá construir uma casa para velhos e crianças carentes. Se tudo der certo, Marina vai coordenar o setor de crianças, realizando assim um sonho antigo: dar amor e confiança às crianças abandonadas - ela promete abandonar a carreira de atriz e se dedicar exclusivamente à obra de sua igreja.

Sobre a umbanda, declara: "Toda religião é válida, mas a umbanda é muito materialista, tudo funciona em torno do dinheiro. Uma vez precisei de ajuda na umbanda e aí eles me cobraram uma nota alta. Na igreja batista eu me encontrei com Deus".

Mãe de três meninas, todas adotivas, Marina soma aos seus 50 anos de vida trinta de profissão.

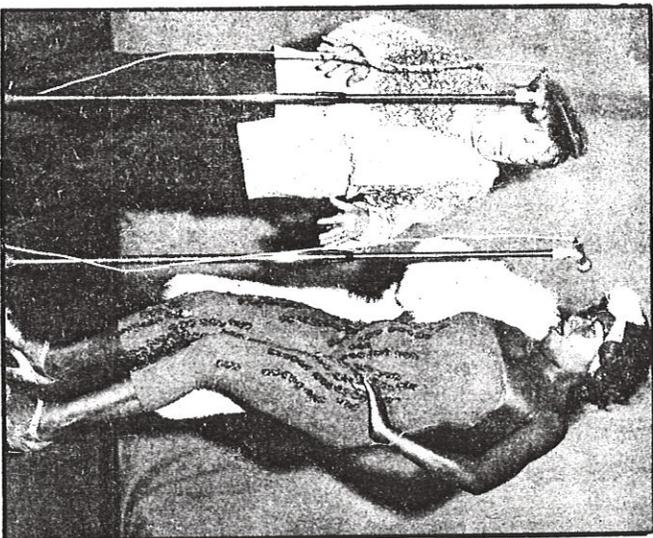
Começou como cantora lírica, no programa do Renato Murce, na Rádio Nacional. Joe Lester foi quem a descobriu. "Um dia eu estava na Rádio Nacional esperando a minha vez de cantar. E quando esperava fiz algumas caretas, ele me observou e acreditou que eu daria uma boa comediante".

No teatro destacou-se em várias peças, entre as quais **Por que Me Ufano do Bananal**, em 1960; **Teu Cabelo não Nega**, em 1963; e **Onde Canta o Sabiá**, de 77 a 78.

Foi contratada da Globo durante muito tempo, mas no momento, está trabalhando sem vínculo contratual, recebendo apenas o cachê pela participação no programa **Chico City** como a personagem **Bibi**, empregada do **Popó** (Joe Lester).

Marina Miranda se considera hoje uma mulher feliz, apesar de uma infância marcada pela morte dos pais. Ela e seus irmãos foram separados para serem criados por mães adotivas diferentes. "Devo tudo que sou a minha mãe adotiva. Quando meus pais morreram eu e sete irmãos fomos espalhados. Ano passado eu encontrei seis deles, faltando apenas um. Não sei se ele morreu, mas se estiver vivo tenho fé em Deus que vou encontrá-lo".

Na profissão teve alguns desencontros também. Quando a Globo a demitiu, ela, para não passar fome, vendeu carne e com a ajuda dos amigos da televisão conseguiu retornar à emissora para fazer um pequeno papel na novela **Dancin' Days**.



Marina quer ajudar velhos e crianças